

O INVENTÁRIO E O *CORPUS* DOS MOSAICOS ROMANOS DE PORTUGAL

MARIA DE FÁTIMA ABRAÇOS

Doutorada em Letras, especialidade em

História da Arte – FLUL

Instituto de História da Arte – FCSH/UNL

1. Depositado no Arquivo da Academia de Belas Artes de Lisboa.

2. Nesta obra, o autor apresentou também uma tipologia de ornatos e a sua distribuição. Serpa Pinto faleceu em 1933, um ano antes da publicação deste inventário.

Sobre os inventários de mosaicos

De Estácio da Veiga a Bairrão Oleiro

Em Portugal, só a partir de meados do século XIX é que algumas figuras individuais e institucionais se interessaram, de uma forma mais científica, pela recolha e salvaguarda dos bens arqueológicos e sua inventariação.

O primeiro contributo para o inventário de mosaicos deve-se a Estácio da Veiga, que os registou, entre outros materiais, no *Inventário do Museu Archeologico do Algarve*, manuscrito datado de 1885.¹ Este inventário reveste-se de grande importância, na medida em que regista a proveniência dos materiais, especificando o concelho, a freguesia, a terra ou localidade, a quantidade de objectos, o tipo de escavação: pública ou privada, bem como o tipo de terreno: particular ou público (Abraços 2005, 184-185).

Estácio da Veiga referencia 18 sítios com mosaico: S. Clemente, Loulé Velho; Milreu, Faro; Torre d'Ares, Tavira; Montinho das Laranjeiras, Alcoutim; Murtinhal, Vila do Bispo; Praia da Salema, Vila do Bispo; Burgau, Vila do Bispo; Praia da Luz, Lagos; S. Francisco, Portimão; Ferragudo, Lagoa; Retorta, Loulé; Amendoal, Faro; S. Bartolomeu, Olhão; Quelfes, Olhão; Antas, Tavira; Pedras d'El-Rei, Tavira; S. Domingos d'Asseca, Tavira; Cacella, Vila Real.

Mas a primeira tentativa de inventário geral de mosaicos, encontrados em território português, deve-se a Rui de Serpa Pinto que, em obra publicada em 1934, apresentou a primeira carta de distribuição de mosaicos romanos em Portugal e onde registou 40 sítios arqueológicos com mosaico (Pinto 1934, 161-179).²

Também Luís Chaves procurou reunir “notícia informativa dos mosaicos lusitano-romanos” num inventário publicado na Revista de Arqueologia em 1936, utilizando a informação dispersa no *Archeologo Português* dos artigos, que Leite de Vasconcelos tinha publicado desde 1902, sobre mosaicos romanos encontrados em Portugal. Em 1946, Fernando Russel Cortez apresenta nos Anais do Instituto do Vinho do Porto um estudo sobre os mosaicos romanos no Douro destacando os mosaicos descobertos, em 1938, no Alto da Fonte do Milho, Canelas; em Covelinhas, na margem direita do Douro; na Quinta da Ribeira, Tralhariz, Carrazeda de Ansiães.

No ano de 1959, Maria Cristina Moreira de Sá, na sua dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, procurou registar todos os mosaicos conhecidos no território português até àquela data, apresentando-os num registo de sul para norte, primeiro os do Algarve, depois os do Alentejo, seguidos dos do centro e norte, fez uma breve descrição da decoração e procurou datar os mosaicos segundo a técnica e decoração.

Dez anos mais tarde, em 1969, Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos, na sua licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa e tomando como ponto de referência os trabalhos científicos de Estácio da Veiga apresenta o panorama dos estudos arqueológicos efectuados no Algarve, mencionando os mosaicos descobertos até esta data.

Fernando Acuña Castroviejo, nas actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, editadas em 1974, apresentou um inventário, onde referenciou treze sítios com pavimentos revestidos a mosaico no Convento Bracarense, seguido de uma análise sucinta sobre a temática decorativa desses mosaicos.

Neste mesmo ano, Jorge Alarcão exibiu, no *Portugal Romano*, um mapa de distribuição dos mosaicos romanos, onde assinalou 109 registos. Na década seguinte, em 1988, no *Roman Portugal*, Alarcão apresentou os sítios com vestígios romanos encontrados nas 8 regiões, que correspondem às 8 folhas do levantamento de Portugal 1/250.000: Porto (1/1 a 1/498), Bragança (2/1 a 2/139), Coimbra (3/1 a 3/242), Viseu (4/1 a 4/508), Lisboa (5/1 a 5/373), Évora (6/1 a 6/347), Lagos (7/1 a 7/161) e Faro (8/1 a 8/324). Dos cerca de 2600 sítios com vestígios romanos, 165 sítios apresentam mosaicos ou vestígios, distribuídos do seguinte modo: Porto – 15; Bragança – 0; Coimbra – 23; Viseu – 9; Lisboa – 33; Évora – 40; Lagos – 15 e Faro – 30.

Na década de oitenta, a estabilização política e o incremento económico possibilitaram a abertura de novas estradas. As escavações de emergência e o aumento das prospecções dirigidas pelo IPPC, acabado de ser criado, tornaram possível o conhecimento de um maior número de sítios arqueológicos, o que possibilitou a Bairrão Oleiro, em 1986, apresentar, na *História da Arte em Portugal*, um mapa de distribuição de mosaicos já com 181 sítios. Cinco anos mais tarde, em 1991, em carta datada de 23 de Abril e dirigida ao Professor Nobre de Gusmão, Presidente do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, Bairrão Oleiro refere que: “(...) o trabalho de recolha a que tenho procedido relativamente a todo o país permitiu-me referenciar cerca de 200 locais onde há notícia do aparecimento



FIG.1 MAPA COM AS 8 FOLHAS DO LEVANTAMENTO DE PORTUGAL 1:250.000. J. ALARCÃO, *ROMAN PORTUGAL*, 1988. O NÚMERO 1, PARA A FOLHA QUE CORRESPONDE À REGIÃO DO PORTO. O NÚMERO 2, PARA A FOLHA DE BRAGANÇA, CUJOS *habitats*, ATÉ AO MOMENTO, NÃO APRESENTAM MOSAICOS. O NÚMERO 3 PARA A FOLHA DE COIMBRA. O NÚMERO 4 PARA A FOLHA DE VISEU. O NÚMERO 5, PARA A FOLHA DE LISBOA. O NÚMERO 6, QUE INTEGRA ÉVORA E PORTALEGRE. OS NÚMEROS 7 E PARTE DO 8, QUE INTEGRAM O ALGARVE (LAGOS E FARO) E POR FIM O NÚMERO 8 PARA A REGIÃO DE BEJA E PARTE DO ALGARVE.

3. Arquivo documental da Fundação Calouste Gulbenkian, SBA: 6528.

4. Trabalho policopiado cedido pelo autor.

5. Os dados, que integram este inventário de J. Alarcão, foram recolhidos até ao primeiro semestre de 1986.

de mosaicos ou fragmentos, alguns dos quais ainda a necessitar de confirmação e registar mais de 1100 referências bibliográficas.”³ Estes novos dados foram também confirmados na sua última aula, apresentada a 3 de Junho de 1993 (Oleiro, 1996, 4). Ainda na década de oitenta, Carlos Beloto, sob a direcção de Adília Alarcão, então directora do Museu Monográfico de Conímbriga, deu início à elaboração e informatização de um ficheiro de sítios arqueológicos com mosaicos romanos. Cada ficha, referente a um mosaico, apresenta três campos distintos: o primeiro para a localização, o segundo para a descrição sumária e o terceiro para a documentação disponível. É um trabalho inovador por ser o primeiro a caracterizar o suporte e a referir o estado de conservação de cada mosaico, e por apresentar uma recolha bibliográfica, enriquecida com referências publicadas na imprensa.⁴

Também a Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) iniciou a digitalização do acervo documental e a conversão para base de dados da informação resultante de meio século de intervenções no património arquitectónico, dando origem ao inventário do Património Arquitectónico (IPA) do qual destacamos uma base de dados divulgada através da Internet, desde 1996, onde estão inventariados, a Norte do Tejo, os seguintes sítios arqueológicos com mosaicos romanos: no Porto, em Felgueiras, Sendim e *Conimbriga*. No Alentejo, no Distrito de Portalegre, a estação arqueológica de Alter-do-Chão, a *Villa* romana de Torre de Palma e a *Villa* romana da Granja. No Distrito de Évora: a *Villa* romana de Santa Vitória do Ameixial, Estremoz e as ruínas romanas do sítio da Tourega, Évora. No Distrito de Beja: as ruínas de S. Pedro (Herdade Fonte dos Frades) e a *Villa* romana de Pisões (Herdade de Algramaça). No Algarve: as ruínas de Estói/Milreu, Faro, a estação romana da Quinta da Abicada, Faro, as ruínas romanas do Cerro da Vila, Vilamoura e as ruínas romanas da Boca do Rio.

Em 2005, na nossa tese de doutoramento, apresentámos um inventário com 254 sítios com mosaico. Para a localização e sequência dos sítios arqueológicos com mosaico, seguimos o modelo utilizado por J. Alarcão no *Roman Portugal*, 1988,⁵ e que se refere às oito folhas do levantamento de Portugal, 1:250.000, conforme o mapa apresentado na figura 1.

As dúvidas, até agora ainda não esclarecidas, sobre o traçado de muitos dos limites das *civitas* e das fronteiras territoriais entre *conventus* levaram-nos a adoptar este modelo.

OS MOSAICOS DO *CONVENTUS BRACARAUGUSTANUS*

Na folha número 1, inventariámos 38 sítios com mosaicos, sendo 15 na cidade de Braga. Os restantes, na sua maioria, localizados a Norte do Douro estariam também integrados no *Conventus Bracaraugustanus*.

Os sítios com mosaicos romanos deste *Conventus* distribuem-se na área da cidade de Braga e irradiam para a zona costeira, Vale do Douro e Galiza. Na cidade bracarense, foram localizados na Cividade, Seminário de Santiago, Cerca, Cardoso da Saudade, Carvalheiras, Casa da Roda, Sé, quarteirão da R. Gualdim Pais, Quinta do Fajal, Quintal de Fernando Castiço e S. Martinho de Dume. Nestes locais foram descobertos cerca de

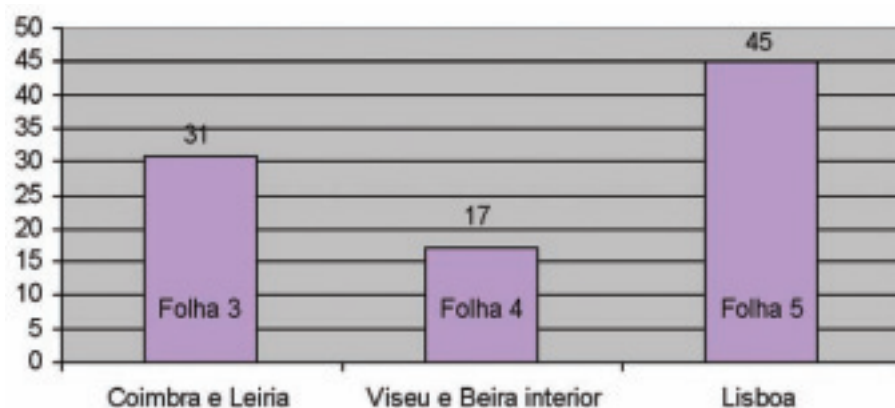


FIG.2 GRÁFICO, REFERENTE AO INVENTÁRIO DE 2005, COM A DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS COM MOSAICOS DO *CONVENTUS SCALLABITANUS*.

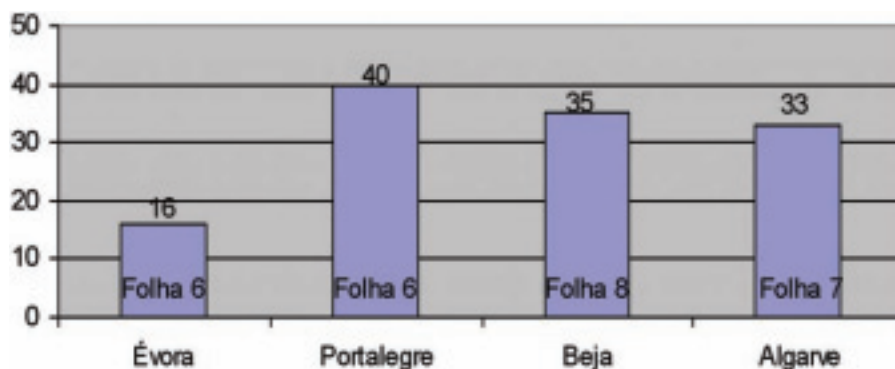


FIG.3 GRÁFICO COM A DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS COM MOSAICO NO TERRITÓRIO DO *CONVENTUS PACENSIS*.

50 fragmentos de mosaico, que se encontram, na sua maioria, no Museu Arqueológico D. Diogo de Sousa. O conhecimento destes sítios deve-se ao trabalho desenvolvido desde 1976, ano em que foi criado o Campo Arqueológico de Braga, encarregado de proceder a salvamentos na área urbana e de verificar a extensão da cidade romana. Entre 1976 e a actualidade, foram realizadas dezenas de intervenções arqueológicas no perímetro urbano de Braga o que permitiu cartografar vestígios, recolher espólio, avaliar o tipo de construções que se distribuem pela cidade. Numerosos foram os salvamentos decorrentes, quer de solicitações da Câmara Municipal, quer do IPPC, quer ainda da Universidade do Minho.

OS MOSAICOS DO *CONVENTUS SCALLABITANUS*⁶

Seguindo o modelo do inventário de J. Alarcão, estas três folhas (3, 4 e 5) correspondem, grosso modo, aos sítios sob influência do *Conventus Scallabitanus*. É difícil traçar os limites deste *conventus*, por falta de elementos seguros de identificação,

6. Sem grande rigor é habitual considerarem-se as terras entre Douro e Tejo como incluídas no *conventus scalabitanus* e as do sul de Portugal no *conventus pacensis*. A Beira Baixa e a Beira Alta, a nascente das serras da Estrela e da Lapa, ficariam no *conventus emeritensis*, que aliás incluía também parte do Nordeste alentejano. (Alarcão 1990, 384).

7. *Olisipo* assumiu-se como um importante centro viário com destaque para as vias de comunicação com a capital da província *Emerita Augusta* e com as sedes conventuais *Scallabis*, *Pax Julia* e *Bracara Augusta*.

o que tem levado muitos autores a considerarem todo o centro do País, entre o Tejo e o Douro, incluído no *conventus scallabitanus*. Se o Douro foi certamente um limite, não parece, todavia, que o Tejo tenha constituído uma fronteira; o *conventus scallabitanus* seguiria, a sul, uma raia seca, possivelmente bem longe da margem esquerda do Tejo. Quanto ao limite oriental, talvez não ultrapassasse o grande sistema montanhoso da Lousã e da Estrela. (Alarcão 1990, 384).

Até este momento, são 93 os sítios com mosaico localizados dentro da área deste *conventus*, que inclui os territórios ao sul do Douro até aos situados a norte das *civitas* de *Salacia*, *Concordia*, *Abelterium* e *Ammaia*, sendo 31 os referentes à folha 3, 17 à folha 4 e 45 à folha 5.

Quanto aos mosaicos dos sítios da folha 4, territórios que se estendem desde a *civitas* dos *Interaniensis* até à dos *Tapori*, passando pela *Egitania* mantêm-se *in situ*. Embora Viseu tenha sido capital de *civitas* (Alarcão 1990, 379), até este momento, desconhecemos a existência de sítios com mosaico na sua área de influência, mas registamos dezassete sítios com vestígios de mosaicos descobertos nas áreas das *civitas* de *Elbocori* (Bobadela), dos *Aravorum*, dos *Laciensis Transcudani* (R. Côa), dos *Igaeditani* e dos *Tapori*.

Da folha 5, fazem parte os sítios com mosaico sob a influência das *civitas* de *Eburobritium*, *Colipo*, *Selium*, *Scallabis*, *Olisipo*⁷ e *Bardili* (?).

Nas zonas de influência destas *civitas* foram descobertos, desde finais do século XIX até aos nossos dias, 45 sítios com pavimentos revestidos a mosaico. Estes mosaicos, na sua maioria, continuam *in situ*.

OS MOSAICOS DO *CONVENTUS PACENSIS*

Os sítios das folhas seis, sete e oito estavam sob a jurisdição do *Conventus Pacensis*, cujos territórios ocupavam um espaço, que se estendia do Alto Alentejo até à costa algarvia. Nesta área inventariámos 124 sítios com mosaico, sendo 16 na região de Évora, 40 na de Portalegre, 35 na região de Beja e 33, no que diz respeito ao Algarve (Lagos e Faro).

Os sítios com mosaico do *Conventus Pacensis* distribuem-se, na sua maioria, na área de *Pax Julia*, *Ebora*, *Abelterium*, *Myrtilis* e ao longo de toda a costa algarvia. Na folha 6, referente a Évora e Portalegre e que corresponde à zona de influência de *Ammaia*, *Aritium Vetus*, *Abelterium*, *Concordia*? e *Ebora*, registámos 56 sítios com mosaico.

Na folha 7, que diz respeito à zona de influência de *Cilpes*, *Ossonoba* e *Balsa*, registámos 33 sítios com mosaico distribuídos ao longo da zona costeira algarvia. A folha 8 do levantamento abarca os sítios da zona de influência de *Pax Julia* e *Myrtilis*, onde registámos 35 sítios.

Para a organização deste inventário, com 254 sítios com mosaicos, seguimos toda a informação recolhida na obra de J. Alarcão e de Bairrão Oleiro, nas monografias de alguns concelhos e freguesias, nas cartas arqueológicas dos municípios, na informação obtida em Revistas e Congressos de arqueologia, bem como nos arquivos do IPPAR e dos Museus, que possuem mosaicos nas suas colecções.

Embora o nosso inventário seja, até ao momento, o mais actualizado, necessita da aplicação de metodologia de prospecção para localização exacta dos sítios no terreno e verificação dos seus diferentes topónimos. O passo seguinte, depois de uma reinterpretação dos seus resultados, possibilitará uma informação mais científica.

Actualização de dados para 2008

Muitos foram os sítios com mosaico descobertos desde a publicação dos inventários de J. Alarcão e Bairrão Oleiro. De então para cá, novos testemunhos surgiram, como os que foram descobertos em Braga, onde são já conhecidos 18 sítios com mosaico; na Casa do Infante, na zona ribeirinha do Porto; no Pátio da Universidade de Coimbra; no Paço dos Vasconcelos em Santiago da Guarda, Ansião; no Prado Galego, em Pinhel; em Rio Maior, Santarém; em Frielas, Loures; em Lisboa, na Rua dos Correiros, no Claustro da Sé, nos Armazéns Sommer, no Largo de Santo António e no Palácio do Correio-Mor; na Quinta da Bolacha, Amadora; em Almargem do Bispo, Sintra; na Herdade das Argamassas, Campo Maior e no *forum*/alcáçova de Mértola. Depois da apresentação da nossa tese tivemos conhecimento de novos testemunhos: em Vale de Mouro, Meda, Guarda (Almadan 14, 157-159); em Castanheira do Ribatejo (Almadan 14, p. 6); em Chã da Bica, Montalvo, Abrantes e Olival Comprido, Alferrarede, Abrantes; em Borba; no Monte Mosteiro, em Mértola (Almadan 14, 151) e em Lagos, no Algarve, ultrapassando já os 260 registos e com as prospecções e escavações em curso, este número poderá, a qualquer momento, aumentar.

DATA	INVENTÁRIOS/AUTORES	NÚMERO DE SÍTIOS COM MOSAICO
1885	Estácio da Veiga	18 (Algarve)
1933	Rui Serpa Pinto	40
1936	Luís Chaves	47
1959	Maria Cristina M. Sá	100
1974	F. Acuña Castroviejo	13 (Douro)
1974	Jorge Alarcão	105
1986 / 1988	Jorge Alarcão	165
1986	Bairrão Oleiro	181
1996	Bairrão Oleiro	200
2005	F. Abraços	254
2008	F. Abraços	262

O número de sítios com mosaico, conhecidos até à actualidade, no norte do país (*conventus bracaraugustanus* e *scallabitanus*) tem aumentado, ultrapassando já o número existente no sul (*conventus pacensis*).

Este número parece contrariar a tese de que à medida que caminhamos para norte, estes testemunhos vão-se tornando mais escassos. A abertura de novas auto-

estradas, a intensificação de campanhas de prospecção para a carta arqueológica, o elevado número de trabalhos de pesquisa para dissertações de mestrado e doutoramento (Abraços 2006-2007, 49), bem como a publicação dos dois primeiros volumes do *Corpus* de mosaicos de Portugal, têm contribuído para alterar significativamente os dados que possuíamos e o interesse por esta temática, conforme podemos observar no quadro síntese:

ANO	ACADÉMICOS	LOCAL E GRAU
1959	Maria Cristina Moreira de Sá	Fac. Letras Lisboa / Tese Licenciatura
1985	Maria Licínia Nunes Correia	Univ. Nova Lisboa / Tese Mestrado
1986	Maria Felisbela Borges	Univ. Nova Lisboa / Tese Mestrado
1992	B. Oleiro /1º volume do <i>Corpus</i>	
1997	Teresa Caetano Pinto	Univ. Nova Lisboa / Tese Mestrado
1998	Tatiana Resende	Fac. Letras Lisboa / Tese Doutoramento
2000	Fátima Abraços	Fac. Letras Lisboa / Tese Mestrado
2000	Miguel Pessoa	Fac. Letras Coimbra/Tese Mestrado
2000	J. Lancha/2º volume do <i>Corpus</i>	
2001	Cátia Mourão	Univ. Nova Lisboa / Tese Mestrado
2002	Romana Bica Nunes	Univ. Nova Lisboa / Tese Mestrado
2002	Francine Alves	Univ. Nova Lisboa / Tese Mestrado
2002	Virgílio Lopes	Univ. Nova Lisboa / Tese Mestrado
2003	Cristina Oliveira	Fac. Letras Coimbra/Tese Mestrado
2004	Maria Jesus Kremer	Univ. Trier/ Tese de Doutoramento
2005	Maria de Fátima Abraços	Fac. Letras Lisboa / Tese Doutoramento

O *Corpus* dos mosaicos romanos de Portugal

Bairrão Oleiro e a publicação da primeira obra do *Corpus*

Em França, desde o princípio do século XX que se defendia a publicação de um *corpus* de mosaicos, conforme relatam as palavras de Villefosse em carta escrita a Leite de Vasconcelos, datada de 13 de Agosto de 1902: «Vous avez bien raison de réclamer la conservation de la mosaïque de Alcobaça. Les mosaïques romaines sont des oeuvres très précieuses: notre Académie a pensée a en publier le *Corpus*; ce serait un travail on ne peut plus utile » (Vasconcelos 1903, 284).

Cinquenta e cinco anos mais tarde, Henri Stern, fundador da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIEMA), lança os fundamentos do *Corpus* científico dos mosaicos da Gália, fazendo outros países iniciarem também os seus “*Corpora Nationais*”.

Em Portugal, no seguimento daquilo que lá fora se defendia, em relação à publicação de um *Corpus* Internacional de mosaicos, o Professor Doutor Artur Nobre de Gusmão, Director do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, dirigiu um convite a Bairrão Oleiro, solicitando-lhe que organizasse o *Corpus* dos Mosaicos Romanos em Portugal.

A primeira obra do *Corpus*, dedicada à “Casa dos Repuxos” de Conímbriga, no *Conventus Scallabitanus*, foi então publicada em 1992 e apresentada em dois volumes. O primeiro relata a história das escavações e a arquitectura da casa, seguindo-se o *Corpus* analítico e crítico dos trinta e oito mosaicos estudados. Completam, este volume, um estudo dos materiais arqueológicos e as sondagens feitas em diversos pontos da casa da autoria de Adília Alarcão e Virgílio Correia e ainda o estudo das pinturas murais *in situ* assinado por Rui Nunes Pedroso.

O segundo volume apresenta as estampas com as plantas da casa, o levantamento fotográfico dos mosaicos e dos desenhos dos motivos decorativos e as fotografias dos materiais arqueológicos.

Bairrão Oleiro viu reconhecida publicamente esta sua obra, quando em 1995, lhe foi atribuído o “Prémio Gulbenkian de Arqueologia 1992-1994”, conforme relata a carta que passamos a transcrever:

“Tenho a honra de comunicar a V. Exa. que o Júri convidado por esta Fundação deliberou atribuir a V. Exa. – por unanimidade e ex-aequo com o Prof. Doutor Francisco Sande Lemos – o Prémio Gulbenkian de Arqueologia 1992/1994, cujo valor será assim de Esc. 1.000.000\$00 (um milhão de escudos) para cada um dos premiados. A fim de fazer a entrega do prémio, a Administração desta Fundação tem o prazer de convidar V. Exa. para uma sessão pública, a realizar no próximo dia 24 de Maio de 1995, pelas 12 horas, na Sala de Honra da sua Sede – Av. de Berna, 45-A, em Lisboa – a que se seguirá, pelas 13 horas, um almoço presidido pelo Senhor Administrador Dr. Pedro Tamen, reunindo os dois premiados, os quatro membros do Júri – Doutores Susana de Oliveira Jorge, Adília Alarcão, Vítor dos Santos Gonçalves e Fernando Real – o Director do Serviço de Belas-Artes, Pintor Manuel da Costa Cabral, a Directora-Adjunta e responsável pelo Sector de Estudos de Arte, Arqueologia e Património do mesmo Serviço, Drs. Maria do Carmo Marques da Silva e Jorge Rodrigues. Apresento a V. Exa. os meus melhores cumprimentos. Manuel da Costa Cabral, Director.”⁸

8. Arquivo documental da Fundação Calouste Gulbenkian, SBA:6528.

A missão luso-francesa dos mosaicos do sul de Portugal: a publicação do segundo volume do *Corpus* e perspectivas futuras

Entretanto, em 1991 devido a diligências desenvolvidas por Adília Alarcão, a Divisão de Arqueologia da Direcção Regional de Évora, do IPPC, com o apoio de Câmara Municipal de Monforte e do Instituto da Juventude levou a efeito em Monforte, no mês de Abril, um seminário sobre Mosaicos romanos de onde saíram alguns dos elementos que viriam a integrar a equipa do *Corpus* dos Mosaicos do Sul de Portugal.

Assim, a segunda obra do *Corpus*, iniciada em 1991, e dirigida por Janine Lancha e Pierre André, com a colaboração de Fátima Abraços, Adília Alarcão, D. Bédard, J.-P. Bost, J.-P. Brun, Marta Macedo, Rui Nunes, Fernando Real e Catarina Viegas, é publicada, no ano 2000, pelo Instituto Português dos Museus.

Apesar de Portugal ter iniciado o seu *Corpus* tardiamente, os seus autores souberam inovar e superar o modelo da grande maioria dos *corpora* de mosaicos publicados até à data. Procuraram reconstituir a arquitectura dos edifícios, cujas salas se apresentavam pavimentadas a mosaico e apresentar um estudo minucioso dos pavimentos que decoravam a casa, tratados sob a forma de fichas de inventário, onde é estudada a técnica de assentamento, a estratégia de execução, o estado de conservação, os restauros antigos e modernos, o estudo da cor das tesselas e uma pormenorizada descrição dos 24 pavimentos. A obra foi publicada em duas versões, uma em português, outra em francês.

Ainda durante o estudo dos mosaicos de Torre de Palma, deu-se início ao levantamento do desenho dos mosaicos de outras estações romanas:

Em Novembro de 1993, Rafael Alfenim, Fátima Abraços e Marta Macedo desenharam os mosaicos da galeria do peristilo da *domus* de Sta. Vitória do Ameixial; em Agosto de 1994, procedeu-se à limpeza (foram retiradas as concreções calcárias) e levantamento do desenho, tessela a tessela, dos mosaicos já escavados da estação romana da Quinta das Longas, S. Vicente, Elvas; em Setembro de 1994, a equipa do *Corpus* dos mosaicos do Sul de Portugal procedeu ao levantamento do desenho dos mosaicos do Cerro da Vila, Vilamoura; em Outubro deste mesmo ano, Fátima Abraços e D. Bédard procederam, sob a orientação de Janine Lancha ao levantamento do desenho, a preto e branco, do mosaico do Oceano, depositado no Museu Municipal de Faro.

Posteriormente, J. Lancha, Catarina Viegas e Cristina Oliveira continuaram os trabalhos neste Museu, tendo concluído o estudo deste mosaico, bem como o estudo dos mosaicos do Cerro da Vila e de Milreu, a publicar no terceiro volume do *Corpus* Nacional, consagrado ao estudo dos mosaicos do Algarve-Este. Esta obra, prevista para 2005, ainda não está concluída, aguardando-se a sua publicação.

A equipa de António Carvalho prepara também o estudo dos mosaicos da Quinta das Longas, Elvas. Não sabemos se será publicado como um volume autónomo do *Corpus* ou integrado numa Monografia da *uilla*.

Quanto ao *Conventus Scallabitanus*, Maria de Jesus Kremer apresentou, em 1999, na Universidade de Trier, um estudo iconográfico dos mosaicos da *Villa* Cardílio.

Em 2003, Cristina Oliveira, membro da equipa dos Mosaicos do Sul de Portugal, publicou nos “Trabalhos de Arqueologia”, editados pelo IPA, a sua tese de Mestrado sobre os mosaicos da *uilla* romana de Rio Maior. Primeira obra publicada dentro dos parâmetros metodológicos definidos no programa de pesquisa da missão luso-francesa no segundo volume do *Corpus* sobre os mosaicos da *uilla* romana de Torre de Palma. Em Conímbriga, está em preparação um volume sobre os mosaicos das casas intramuros dirigido por Virgílio Correia e Cristina Oliveira.

Há alguns anos, que os mosaicos da *uilla* romana de Rabaçal são alvo de um estudo minucioso por uma equipa dirigida por Miguel Pessoa. Foi já feito todo o levantamento

do desenho dos mosaicos, tessela a tessela, bem como a tintagem. Foi também feito o estudo dos mosaicos da *uilla* no seu contexto arqueológico e arquitectural.

Deu-se início ao programa de conservação e restauro dos mosaicos com a coadjuvação de uma equipa internacional de restauro. Nos últimos anos tem sido feita uma aposta na formação de uma equipa mais jovem, que possa dar continuidade aos trabalhos em curso, com vista à publicação do *Corpus* dos mosaicos desta *uilla* romana. Também, com este objectivo, o Museu Municipal de Odrinhas, em Sintra, tem vindo a desenvolver um conjunto de projectos, que contemplam formação, estudo, conservação e restauro dos mosaicos da região.

O número de tomos, já editados e em preparação, necessários para a publicação do *corpus* de mosaicos de todo o país, corresponde, grosso modo, à estimativa apresentada por Bairrão Oleiro, à Fundação Calouste Gulbenkian, em carta datada de 23 de Abril de 1991 e dirigida a Nobre de Gusmão:

“Penso que *Conímbriga* exigirá, pelo menos, a publicação de um outro tomo para o estudo e divulgação dos mosaicos das casas de Cantaber, dos esqueletos e das suásticas e dos achados dispersos. Dadas as condições especiais desta estação serão os volumes mais detalhados e aprofundados. Incluindo estes dois tomos, admito que para o convento Escalabitano (grosso modo a zona entre Tejo e Douro) possa prever-se um mínimo de 5 tomos; para o Bracarense (a N. do Douro) 1 tomo; e para o Pacense (a S. do Tejo), onde os mosaicos são particularmente numerosos, talvez uns seis ou sete. Esta estimativa não pode por vários motivos ser rigorosa. De facto não é possível prever o ritmo de novos achados ou de publicação de resultados de escavações ou de estudos monográficos que eventualmente venham a facilitar a recolha de dados para o *corpus*. (...)”⁹

9. Arquivo documental da Fundação Calouste Gulbenkian, SBA: 6528.

O financiamento do *Corpus* dos Mosaicos de Portugal

O FINANCIAMENTO DO PRIMEIRO VOLUME DO *CORPUS*

Os encargos da edição do primeiro volume do *Corpus* sobre os mosaicos da “Casa dos Repuxos” de Conímbriga estiveram a cargo da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto Português de Museus. Bairrão Oleiro na introdução deste primeiro volume do *corpus* lembra que este livro resultou de dois compromissos: o assumido com a Directora do Museu Monográfico de Conímbriga, Dra. Adília Alarcão, no sentido da publicação integral dos mosaicos daquela estação arqueológica; e o que decorreu da aceitação do convite que lhe foi dirigido pelo Director do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, Prof. Doutor Artur Nobre de Gusmão, para organizar o *corpus* dos mosaicos romanos em Portugal.

Em carta datada de 27 de Maio de 1992, o subdirector do IPM, Luís Ferreira Calado, escreve a Nobre de Gusmão sobre a comparticipação nos custos da edição/casa dos Repuxos: “Tendo tomado conhecimento por intermédio da senhora directora do Museu Monográfico de Conímbriga da decisão do Conselho de Administração

10. Em 1991, a Embaixada de França ofereceu um conjunto de livros sobre mosaico romano, no valor de 5.000 Francos, que ficou para consulta na biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa.

11. Arquivo do Instituto Português de Arqueologia: [Processo 99/1 (189)].

dessa Fundação em comparticipar nos custos da edição do tomo I do *Corpus* dos mosaicos romanos em Portugal, dedicado à casa dos repuxos de Conímbriga, vimos por este meio manifestar o nosso apreço e simultaneamente declarar que o IPM se compromete a obter a verba complementar necessária para a realização desta edição cuja oportunidade e interesse não são minimamente questionáveis. Contando com o apoio da Fundação Gulbenkian é agora possível ao IPM dar andamento à edição da referida obra.”

Foi então assinado um protocolo entre o IPM e a Fundação, em que o montante total envolvido foi de 9.057.734\$00 (nove milhões, cinquenta e sete mil e quatrocentos e trinta e quatro escudos) competindo à Fundação o pagamento de 3.863.475\$00 (três milhões, oitocentos e sessenta e três mil e quatrocentos e setenta e cinco escudos). Uma vez impressa a obra, o IPM faria a entrega de 640 exemplares à FCG que poderia proceder à sua comercialização ao preço praticado pelo IPM, no valor de 12.500\$00. Foi então, pedida pela Fundação a realização de um Protocolo, que foi assinado por Simoneta Luz Afonso e Pedro Tamen, em 15 de Janeiro de 1993.

O FINANCIAMENTO DO SEGUNDO VOLUME DO *CORPUS*

Os trabalhos da equipa do *Corpus* dos Mosaicos do Sul de Portugal, desde a sua organização em 1991, até 1999, foram custeados exclusivamente pelos subsídios da *Commission des fouilles du Ministère des Affaires Étrangères* de França e pelos recursos próprios de cada membro da equipa.¹⁰ É de salientar, também, durante este período, as facilidades de alojamento concedidas pela Câmara Municipal de Monforte, que apoiou a equipa, enquanto se desenvolveram os trabalhos em Torre de Palma e pela Lusotur, durante a prossecução dos trabalhos no Cerro da Vila. Para o quadriénio de 1999-2002, foi solicitado, ao Instituto Português de Arqueologia, um financiamento para o desenvolvimento do projecto do *Corpus* dos mosaicos romanos do *Conventus Pacensis* II – Algarve-Este. A verba atribuída por esta instituição para este quadriénio, com extensão até final de 2005, foi no montante de 3.890.61 euros.¹¹ Entretanto, a Universidade do Algarve, a Universidade de Huelva e o Museu Municipal de Écija, unidos no projecto internacional MOSUDHIS de investigação dos Mosaicos Romanos do Sudoeste da Hispânia (Andaluzia e Algarve) concorreram a um apoio comunitário europeu de cooperação transfronteiriça, programa INTERREG IIIA – medida 2.4, para a valorização turística do património.

Este projecto foi apoiado com 85.000 euros a distribuir do seguinte modo: 50.000 para a Universidade do Algarve; 17.500 para o Museu Municipal de Écija e 17.500 para a Universidade de Huelva. Neste âmbito, no dia 31 de Maio último foi inaugurada no Museu Municipal de Écija a exposição “Mosaicos romanos do Sul da Hispânia: Algarve e Andaluzia” e teve lugar a Mesa Redonda “Mosaicos romanos na Hispânia: conservação, valorização e perspectivas de futuro” e lançado um guia de divulgação sobre a: “A rota do mosaico romano. O sul da Hispânia (Andaluzia e Algarve)”. Como proposta de linhas de desenvolvimento do projecto ficou decidido dar continuidade ao estudo dos mosaicos do sul.

Conclusões

Vemos com alguma apreensão a continuidade da coordenação, dinamização e do financiamento do “Corpus de Mosaicos Romanos de Portugal”. Não gostaríamos de ver interrompido o trabalho iniciado por Bairrão Oleiro e encorajado desde sempre por Adília Alarcão. Apontamos como linha orientadora para a prossecução do *Corpus* a criação de uma comissão científica no seio do IGESPAR constituída por representantes das Universidades, Politécnicos e Associações do sector, como a APECMA: Associação para o Estudo e Conservação do Mosaico Antigo, a quem caberia coordenar e gerir todos os trabalhos no âmbito do estudo do mosaico.

Há dezassete anos, que se deu início à formação de uma equipa para o estudo do mosaico, conforme já referimos *supra*. O estudo da mosaística tem sido leccionado nas diferentes Universidades e Politécnicos de Portugal e contamos já com um conjunto de técnicos e estudiosos que poderão dar continuidade ao *Corpus*, e resposta aos anseios que B. Oleiro manifestava a Nobre Gusmão, em carta datada de 23 de Abril de 1991: (...) Um outro aspecto a considerar e que já tive oportunidade de expor pessoalmente é o da crescente “apetência” de investigadores estrangeiros quanto ao estudo e publicação dos mosaicos portugueses. Os meios de trabalho de que normalmente dispõem, designadamente no que se refere a bibliografia especializada, a arquivos fotográficos e facilidades de deslocação, ultrapassam largamente os nossos. E o mesmo se pode dizer quanto às facilidades para publicação. Pessoalmente considero pouco prestigiante para o país que os nossos valores patrimoniais sejam, em muitos casos, estudados e divulgados por estrangeiros, a não ser quando em regime de colaboração, em condições a fixar caso a caso, mas rejeitando sempre qualquer tipo de subordinação. (...)”¹² ●

12. Arquivo documental da Fundação Calouste Gulbenkian, SBA: 6528.

Bibliografia

ABRAÇOS, Maria de Fátima. 2006. *Para a História da Conservação e Restauro do Mosaico Romano em Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Letras. Especialidade em História da Arte. Faculdade de Letras de Lisboa

ABRAÇOS, Maria de Fátima. 2006-2007. *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. Portugália*, volumes XXVII-XXVIII, nova série: 49-58

ACUÑA CASTROVIEJO. 1974. Consideraciones sobre los mosaicos portugueses del Convento Bracarense. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. Porto: 201-210

ALARCÃO, Jorge. 1974. *Portugal Romano*. Lisboa: Ed. Verbo

ALARCÃO, Jorge. 1988. *Roman Portugal*. Aris & Phillips Ltd, Warminster, England

BATALHA, Luísa e outros. 2006. Um mosaico romano em Castanheira do Ribatejo. *Almaden 14*. IIª série: 6

BELOTO, Carlos. 1989. *Os Mosaicos Romanos de Portugal*. Condeixa.

- BUGALHÃO, Jacinta. 2006. O sítio romano de Vale do Mouro/Gravato (Meda). *Almadan 14*. IIª série: 157-159
- CAMPOS CARRASCO e outros. 2008. *A rota do mosaico romano. O sul da Hispânia (Andaluzia e Algarve)*. Mosudhis (Interreg IIIA)
- CHAVES, Luís. 1936. Mosaicos Lusitano-romanos em Portugal. *Revista de Arqueologia*, 1ª série. Tomo III. Lisboa
- LANCHA, Janine e André, Pierre. 2000. *Corpus Mosaicos romanos de Portugal II, CONVENTVS PACENSIS 1, A villa de Torre de Palma*. IPM. Lisboa
- LOPES, Virgílio. 2006. Mosteiro do Monte Mosteiro. *Almadan 14*. IIª série: 151
- LOPES, Virgílio. 2006. Associação Portuguesa para o Estudo do Mosaico Antigo. *Almadan 14*. IIª série: 155
- KREMER, Maria de Jesus. Pessoa, Miguel. Abraços, Fátima. 2007. Inventário, Carta de Risco e Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal: o seu significado para a conservação do património musivo português. *Almadan 15*. IIª série: 61-67
- OLEIRO, Bairrão. 1986. Mosaico Romano. *História da Arte em Portugal*. Vol. I. Lisboa: Alfa
- OLEIRO, Bairrão. 1992. *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal, Conventus Scallabitanus, I, Conimbriga – Casa dos Repuxos*. IPM/MMC. Conimbriga.
- OLEIRO, Bairrão. 1996. Última aula. 3 de Junho de 1993. O Mosaico Romano em Portugal. *Miscellanea em homenagem a Bairrão Oleiro*. Edições Colibri. Lisboa: 13-19
- PESSOA, Miguel. 1998. *Villa romana do Rabaçal*. Câmara Municipal de Penela. Penela
- PINTO, Rui Serpa. 1934. Inventario dos mosaicos romanos de Portugal. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*. Volume I Madrid: 161-191
- RUSSEL CORTEZ. 1946. *Mosaicos romanos no Douro*. Separata dos Anais do Vinho do Porto. Edição do Instituto do Vinho do Porto. Porto
- SÃ, Maria Cristina Moreira de. 1959. *Mosaicos romanos de Portugal*, Tese de Licenciatura. Faculdade de Letras. Lisboa
- SANTOS, Maria Luísa Veiga Affonso dos. 1969. *Subsídios para o estudo da arqueologia romana do Algarve*. Tese de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa
- VASCONCELOS, José Leite de. 1902. Mosaico Romano de Alcobaça. *Arqueólogo Português*. 7. Lisboa: 146-149 e 284

Arquivos

Arquivo documental da Fundação Calouste Gulbenkian: Processo – SBA:6528.
Arquivo do Instituto Português de Arqueologia: [Processo 99/1 (189)].